

Erik Killmonger e a ruptura de estereótipos em Hollywood¹

Ana Carolina Jurado-Centurion GOMES²

Mestranda

Universidade Federal do Rio Grande do Norte, Natal, RN

Resumo

A proposta deste artigo é analisar o personagem Erik Killmonger do filme *Pantera Negra* (2018) através da teoria dos arquétipos. Levando em consideração que o personagem tem uma construção na narrativa do longa, que se diferencia das que são dadas frequentemente a personagens negros em produções hollywoodianas de grande alcance. O referencial teórico permeia entre as noções de arquétipo, estereótipo e identidade. O corpus é composto por uma contextualização do filme, diferenciações entre arquétipos e estereótipos no audiovisual e análise arquetípica do personagem. A análise revela um avanço nos roteiros fílmicos em relação a representatividade negra frente ao que já foi produzido baseado, principalmente, na utilização dos arquétipos.

Palavras-chave: História das Mídias Audiovisuais; Estudos da Mídia; Arquétipo; Estereótipo; Negritude.

Introdução

Os filmes podem revelar aos seus espectadores diversos sentimentos, como alegria, medo ou tristeza. Porém, alguns filmes vão além desses sentimentos, causam reflexões e modificam a forma como o indivíduo pensa sobre determinados temas, pessoas ou até mesmo sobre si. Não é comum, no contexto cinematográfico, vermos filmes de super-heróis serem responsáveis por causar esse tipo de reflexão, principalmente por terem um tipo de produção que preza mais pela ação e efeitos especiais. Ou ter um roteiro previsível e público alvo infanto-juvenil. Nesse contexto, temos como diferencial o filme *Pantera Negra* (2018), que além de trazer todas as características desse gênero de filmes, também inclui no seu roteiro discussões sobre temas atuais, como racismo e desigualdade social.

Diante de todas as questões importantes presentes no filme, uma delas é o desenvolvimento dos seus personagens, que chama atenção pela constituição de seu elenco, em que apenas dois personagens principais são brancos, e os demais todos negros. Uma conjuntura que se difere da maioria das produções audiovisuais de grande alcance de Hollywood, que costumam colocar em adaptações de histórias para o cinema, atores brancos

¹ Trabalho apresentado no GT História das Mídias Audiovisuais, integrante do XIII Encontro Nacional de História da Mídia.

² Mestranda do Programa de Pós-Graduação em Estudos da Mídia da UFRN. Bacharel em Jornalismo pela UFPB, email: carolina-jurado@hotmail.com

interpretando personagens que originalmente são de etnias não brancas.

Outro ponto é a desconstrução dos personagens, como exemplo a guarda real do rei de *Wakanda*, país fictício do longa, que é composta apenas por mulheres, denominadas de *Dora Milaje*. Desconstruindo o estereótipo de que apenas homens podem ocupar essa posição e se inspira na história africana, pois o exército existiu durante o século XIX na atual República do Benin e as mulheres que faziam parte dele eram chamadas de *Ahosi*³.

Neste artigo falaremos da constituição de arquétipos representativos no cinema através do personagem Erik Killmonger do filme *Pantera Negra* (2018). O objetivo principal é analisar o personagem através da teoria dos arquétipos. Para tal, os objetivos específicos são: 1. Apresentar as diferenças entre arquétipos e estereótipos no contexto audiovisual; 2. Analisar a construção arquetípica do personagem Erik Killmonger.

A justificativa da escolha desse tema se dá por um interesse pessoal na temática, que surgiu através do curso de jornalismo, durante a disciplina de relações étnico-raciais. E também pelo fato da importância representativa que o filme carrega, frente a produções que não representam ou simplesmente excluem pessoas negras das suas narrativas. Além disso, pela importância de trazer os arquétipos para a discussões de estudos da mídia, principalmente no contexto audiovisual, pois sua utilização pode ser benéfica na construção dessas produções, não só para enriquecer a narrativa, mas também para torná-la mais representativa. A pesquisa se classifica como qualitativa e com pesquisa bibliográfica.

Arquétipos e estereótipos no audiovisual

A narração de histórias é intrínseca a humanidade desde suas origens, através das inscrições rupestres, os humanos já mostravam seu interesse em compartilhar e registrar seus acontecimentos do dia a dia. Ao passar do tempo a materialização de narrativas avançaram passando para a oralidade, escrita, teatro, cinema. Além da materialização, algumas técnicas passaram a ser utilizadas consciente e inconscientemente para enriquecer a narrativa e envolver mais o espectador, entre elas os arquétipos.

Os arquétipos são utilizados nas histórias desde muito tempo antes de receberem esse nome e começaram a ser estudados na Antiguidade através do filósofo Platão. Porém, um dos

³ Disponível em: < <https://medium.com/@faleafrofuturo/ahosi-as-guerreiras-implac%C3%A1veis-do-daom%C3%A9-cb448a9bb05f>>. Acesso em: 9 jun. de 2021.

autores pioneiros no estudo desse conceito de forma aplicável as artes, foi o psicanalista sueco Carl Jung e segundo ele:

[...]o ser humano é dotado de uma estrutura psíquica que contém imagens primordiais, universais atemporais. Ele dá a essas imagens o nome de “arquétipos”, retomando o termo grego usado por Platão, mas com um sentido bem distinto do pensamento do filósofo grego, para quem os arquétipos seriam protótipos que habitariam o mundo das ideias ou das formas (ANAZ, 2020, p.254, apud JUNG, 2014, p.51-52).

A partir da definição de Jung e com o propósito de entender os mitos, o escritor norte-americano Joseph Campbell desenvolveu sua obra “O Herói de Mil Faces”, publicada em 1949. A obra traz reflexões sobre seus estudos em vários lugares do mundo, onde identificou que as narrativas humanas como lendas, contos populares e de fadas, seguiam um padrão, essa constatação culminou em sua teoria “Monomito” (CAMPBELL, 1997).

Décadas depois da publicação da obra, seu estudo passou a ser conhecido como “Jornada do herói”, que tinha como propósito originário analisar os grandes mitos de várias culturas ao redor do mundo como Jesus e Buda e passou a ser utilizada por roteiristas cinematográficos como uma espécie de guia para a construção de narrativas. Essa jornada, na obra de Campbell, é dividida em 17 etapas e descreve o que o arquétipo de herói enfrenta em sua trajetória. Essa estrutura foi posteriormente simplificada e resumida em 12 etapas pelo escritor Christopher Vogler em seu livro “A Jornada do Escritor”.

Figura 1: As 12 etapas da Jornada do Herói por Christopher Vogler.



Fonte: Guilherme Menghelli.

Dentro dessa jornada, existem outros arquétipos além do herói, como o mentor, o camaleão, entre muitos outros, que são necessários para que cada etapa aconteça. Cada um

ocupa uma função importante no desenvolvimento da narrativa e na trajetória do herói, seja auxiliando ou trazendo obstáculos. Os oitos arquétipos identificados por Vogler são: herói, mentor, guardião do limiar, arauto, camaleão, sombra, aliado e pícaro.

A maioria das produções *mainstream* de Hollywood, nomenclatura que designa filmes que são dirigidos a um público mais amplo, que tem o propósito de conquistar grandes bilheterias e costumam ter uma média de duas horas de duração. Devido a esses aspectos, essas produções tendem a ter narrativas menos complexas e personagens com limitação de aprofundamento, nos levando a outro conceito que na perspectiva das narrativas audiovisuais seria uma degradação dos arquétipos: os estereótipos (ANAZ, 2020).

Apesar de serem confundidos, esses conceitos se diferem, enquanto os personagens arquetípicos são redondos/complexos, ou seja, compostos por um ou mais arquétipos e possuem características psicológicas, morais e comportamentais contraditórias (positivas e negativas), os personagens estereotipados apresentam apenas um desses aspectos, positivo ou negativo (ANAZ, 2020).

Sendo assim, devido as características citadas anteriormente, a maioria das grandes produções norte-americanas, possuem seu enredo composto por personagens estereotipados. Esses estereótipos são principalmente vinculados a grupos sociais minoritários, entre eles pessoas negras com características pejorativas. Essas características normalmente são ligadas a baixo intelecto, má aparência, malandragem, ser servil ao branco ou ser um alívio cômico para ele, ou seja, sempre associado a traços negativos e de inferioridade.

Alguns dos estereótipos associados a pessoas negras reforçados pela mídia estadunidense são (JARDIM, 2016):

- *Uncle Tom* (Tio Tom): denominação que surgiu do romance anti-escravista “A Cabana de Pai Tomás”, que conta a história de um escravo idoso que é espancado até a morte por não delatar escravos foragidos. Porém, como o livro foi lançado em um período de intensos conflitos raciais, a história foi reescrita de forma racista colocando o *Uncle Tom* como um defensor da escravidão e adorador dos brancos. A partir disso, o termo se popularizou para designar de modo pejorativo homens negros excessivamente servis a brancos, que tentam ganhar vantagens dentro da estrutura

racista sendo fiel ao homem branco. Um exemplo desse tipo de personagem é o interpretado pelo ator Samuel L. Jackson no filme *Django Livre* (2012).

- *The Black Bucks*: são homens geralmente musculosos, que desafiam a vontade dos brancos e são perigosos para a sociedade americana. Eles são nervosos, agitados, temperamentais, impulsivos, extremamente violentos e sexualmente atraídos por mulheres brancas. Esse estereótipo dado aos homens negros, serviu como justificativa para perseguições, maus tratos e linchamentos. Como pode ser visto no filme *O Nascimento da Nação* (1915), produção extremamente racista, que retrata o homem negro como um perigo para as mulheres brancas. Esse estereótipo ainda permanece em algumas produções da mídia estadunidense, em que frequente coloca o homem negro como o criminoso, malandro, mal intencionado em suas narrativas.
- *Mommy*: personagem feminina negra com estrutura física gorda, com grandes seios e cabelos crespos escondidos por debaixo de um lenço. Sua função são os afazeres da casa do seu patrão branco, como limpar e cozinhar, muitas vezes deixa de amamentar seus filhos para amamentar os do seu senhor, entre outras características servis. Esse estereótipo foi um dos responsáveis por propagar a ideia de que mulheres negras só teriam competência para atividades domésticas. Um exemplo dessa personagem é a personagem da atriz Hattie McDaniel no filme *...E o vento levou* (1940). A atriz, que venceu o Oscar de melhor atriz no mesmo ano e se tornou a primeira pessoa negra a ganhar o prêmio, chegou a interpretar mais de 40 personagens com o mesmo estereótipo.

É notável a partir da descrição desses estereótipos, como eles ainda se fazem presente nas narrativas audiovisuais atuais. Apenas com as críticas de grupos e associações que lutam pela igualdade racial e inserção de mais roteiristas e diretores negros nos grandes estúdios cinematográficos que essa realidade passou a mudar.

Devemos considerar que as mídias em geral causam um grande impacto na construção de nossa identidade. A identidade é a forma como nos reconhecemos e como somos reconhecidos e a partir disso vamos moldando-a pela maneira que somos vistos pela sociedade e o que ela espera de nós (PASSOS, 1999). Esse conceito está diretamente ligado as representações no audiovisual, principalmente sobre os estereótipos, por eles terem uma forte influência na afirmação de identidades. Quando as pessoas negras se veem representadas

frequentemente em filmes ou telenovelas de forma negativa, por consequência elas se afastam daquela identidade como forma de obter aceitação diante da maioria:

É possível que a população negra se afaste de sua tradição cultural em prol de uma postura de embranquecimento que lhe foi imposta como ideal de realização. Esse posicionamento foi resultado da internalização de que “embranquecer” seria o único meio de ter acesso ao respeito e à dignidade. (CONCEIÇÃO E CONCEIÇÃO, 2010, p.4).

Por isso, além dos estereótipos causarem um empobrecimento da narrativa, também afetam a formação da identidade de seus espectadores de forma negativa.

Essa caracterização negativa do negro se origina de um processo de desumanização criado pela branquitude desde o período colonial, em que foi construída uma diferenciação sustentada principalmente pela discriminação, em que tudo que se difere da raça branca, é inferior e espelha nesses “seres diferentes” tudo que abominado por eles:

No mundo conceitual branco, o sujeito negro é identificado como o objeto “ruim”, incorporando os aspectos que a sociedade branca tem reprimido e transformando em tabu, isto é, agressividade e sexualidade. Por conseguinte, acabamos por coincidir com a ameaça, o perigo, o violento, o excitante e também o sujo, mas desejável - permitindo à branquitude olhar para si como moralmente ideal, decente, civilizada e majestosamente generosa, em controle total e livre da inquietude que sua história causa. (KILOMBA, 2019, p.10)

Essa desumanização foi o que permitiu a exploração do negro por tanto tempo e o que posteriormente, após o fim da escravidão, se permeou nas produções midiáticas e em outros setores da sociedade.

Apesar da inferiorização do negro já ser retratada nas telas desde a origem do cinema, na década de 1920, alguns cineastas afro-americanos independentes surgiram com intuito de mudar esse contexto. Foram produzidos filmes com atores e atrizes negros representando histórias negras direcionados para uma audiência negra. Nessas produções se buscava retratar uma imagem positiva do negro em contestação a toda discriminação vivida, além de mostrar o seu lado da história.

Um dos diretores que fizeram parte desse momento da história do cinema dos Estados Unidos, foi o diretor estadunidense Oscar Micheaux, um dos pioneiros na elaboração de filmes criados por negros para negros, em um período em que o racismo era institucionalizado dentro e fora das telas, filmes ficaram conhecidos como *Race Pictures*. Em 1919 lançou seu primeiro filme, *The Homesteader* e em 1939 foi pioneiro ao ser o primeiro negro a produzir um longa-metragem sonoro, “O Exílio.” Apesar dos esforços e de ter chegado a produzir mais

de 40 filmes, os contínuos obstáculos, tanto financeiros como segregacionistas fizeram essas produções chegarem ao seu fim.

Ao passar dos anos, outros momentos do cinema negro norte-americano foram surgindo, como *L.A Rebellion* em meados da década de 1960 até 1980, e o *Blaxploitation*, no início da década de 1970. Os filmes produzidos nesses períodos foram os responsáveis por abrir caminhos para filmes como *Pantera Negra* (2018), referencial principal deste trabalho.

O filme Pantera Negra e o afrofuturismo

Em fevereiro de 2018 foi lançado o filme *Pantera Negra* que trouxe o primeiro super-herói negro protagonista para o cinema de Hollywood. O longa que foi inspirado na história em quadrinho homônima publicada em 1964, narra a história de uma nação fictícia africana chamada *Wakanda* liderada pelo rei Pantera Negra. A produção apresenta no seu roteiro vários elementos da cultura negra, através da ancestralidade, música, roupas, cenários, diálogos e a construção dos personagens. Devido a essa narrativa inovadora dentro do gênero, ele chamou atenção internacionalmente e chegou a estar na lista das maiores bilheterias da história do cinema estadunidense.⁴

Pantera Negra (2018) apresenta outra perspectiva de representação de pessoas negras no audiovisual de grande alcance, algo inédito principalmente no cenário de filmes de super-heróis, respeitando sua história, cultura e fenótipos. No longa não vemos a representação frequente dada por diretores etnocêntricos de grandes estúdios que mostram uma África relacionada com a miséria e escassez tecnológica e intelectual. Vemos uma África utópica, que poderia existir caso não tivesse sido explorada por tanto tempo, desenvolvida tecnologicamente através de um milenar conhecimento ancestral somados a extração de um metal valioso denominado no filme de *Vibranium*. Esse metal é o principal recurso da nação e através dele se desenvolve a medicina, armamentos e vestimentas dela, servindo como uma analogia a todas as riquezas naturais que foram extraídas do continente que poderiam ter sido responsáveis pelo seu progresso.

Essa estética de representatividade afrodescendente em realidades futurísticas se relaciona com o afrofuturismo, um movimento presente em várias áreas artísticas como literatura, música e audiovisual, que busca através de expressões culturais, apresentar realidades futurísticas com negros, sem deixar de lado sua ancestralidade e história (FREITAS E MESSIAS, 2018). Além de ser uma crítica a produções que negam a existência

⁴ Disponível em: <<https://www.omelete.com.br/filmes/pantera-negra-supera-titanic-e-se-torna-a-3a-maior-bilheteria-dos-eua>>. Acesso em: 9 jun. de 2021.

de personagens negros em filmes de Hollywood de ficção científica ou com temáticas futurísticas. O movimento reivindica um futuro que sempre foi negado dentro e fora das produções fictícias.

A dualidade arquetípica de Erik Killmonger

Desde as primeiras cenas em que o personagem Erik Killmonger aparece no filme, somos apresentados a um vilão que indica que não será semelhante aos de outros do mesmo gênero ou até mesmo de vilões negros de filmes de outros gêneros. Nos questionamos se ele é de fato o vilão que a narrativa parece apontar em muitos momentos. Durante a sua trajetória, vemos que muitas de suas ações que poderiam encaixá-lo como vilão são justificáveis pelas situações vividas em seu passado, que se assemelha e representa em muitos pontos várias realidades vividas pelo homem negro.

Erik Killmonger segue uma jornada do herói, apesar de não ser colocado na narrativa geral como herói, ele acompanha as etapas descritas por Joseph Campbell. Além disso, ele é um personagem complexo que circula pelos arquétipos de herói e sombra, como os descritos pelo autor Christopher Vogler. As principais características (positivas e negativas) desses arquétipos que envolvem o personagem são:

1. Herói: Erik Killmonger se encaixa no arquétipo de anti-herói. Segundo Vogler (2015, p.57) apesar da nomenclatura, o anti-herói não é o inverso do herói, mas sim um tipo especial de herói. São aqueles que tem as atitudes de um vilão e são julgados como fora-da-lei, mas os espectadores se solidarizam, pois entendem os motivos de suas ações. É um herói com defeitos e feridas abertas, que por nunca conseguir curá-las, acaba por muitas vezes tendo um final trágico. Em *Pantera Negra* (2018), a maior ferida que Erik Killmonger carrega é a da morte do seu pai e o abandono por parte de seus familiares de *Wakanda*, que o deixaram crescer sozinho convivendo com todas as desigualdades vividas por pessoas negras nos Estados Unidos.

Ao analisarmos essa cena, observamos que existe uma relação com a realidade vivenciada por muitas crianças negras que crescem sozinhas ou criadas apenas pela mãe, em consequência da violência praticada expressivamente nos Estados Unidos, principalmente, a homens negros. Em estudo realizado pela ONG Mapping Police Violence, negros têm quase três vezes mais chances de serem mortos pela polícia do que brancos e no ano de 2020, negros eram 28% dos mortos pela polícia, apesar de serem apenas 13% da população.

Erik Killmonger questiona, já na sua primeira aparição, a permanência de artefatos culturais de origem africana em museus europeus. O que ele acredita ser uma situação totalmente injusta, principalmente pela forma em que eles chegaram a esses locais: através do roubo e exploração de comunidades africanas durante o período colonial. Que são esclarecidas pela fala: “Como acha que os seus antepassados os conseguiram? Ou roubaram, como nos roubaram todo o resto.”.

Durante 8 meses, a historiadora francesa Bénédicte Savoy e o economista senegalês Felwine Sarr se dedicaram a listar todos os tesouros africanos na França. O trabalho aponta que cerca de 90% do patrimônio africano está atualmente fora de seus países de origem. Estima-se que atualmente a França está em posse de 90 mil peças provenientes da África subsaariana e que 70.000 delas estão no Museu do Quai Branly, em Paris. Os autores do relatório recomendam que a França aceite as solicitações de países africanos de restituição de um objeto, caso não consiga demonstrar que não foi roubado.

Além disso, o personagem também faz uma crítica ao racismo institucional vivenciado por ele ainda na cena do museu, em que ele está sendo constantemente acompanhado por vários seguranças, mesmo sem cometer nenhum ato que justifique tal comportamento por parte deles. E questiona a situação em sua fala: “Tem toda a segurança a me vigiar desde que entrei”. Ou seja, as intuições em geral, tanto públicas como privadas, estabelecem padrões que definem qual raça será privilegiada em detrimento de outra, com o objetivo de manter sempre um grupo racial, preferencialmente o branco, no poder, como explica Almeida (2019):

No caso do racismo institucional, o domínio se dá com o estabelecimento de parâmetros discriminatórios baseados na raça, que servem para manter a hegemonia do grupo racial no poder. Isso faz com que a cultura, os padrões estéticos e as práticas de poder de um determinado grupo tornem-se o horizonte civilizatório do conjunto da sociedade. (Almeida, 2019, p.27)

O que reforça que pessoas negras são vistas como “suspeitas” de atos criminosos apenas por sua condição racial. E vemos um filme, como *Pantera Negra* (2018), que mesmo inserido em um contexto de grandes produtoras, como a Marvel Studios, que é uma instituição que carrega em muitos pontos traços do racismo institucional, mas ao invés de reforçar um estereótipo mais uma vez, como colocando personagens negros representando criminosos, sem apresentar nenhuma profundidade que possa ao menos justificar suas ações, insere um personagem em sua narrativa que questiona essa problemática.

Apesar do personagem ter um propósito nobre: combater as desigualdades raciais, por se associar aos aspectos negativos como ingressar na vida criminosa, praticando roubos,

fazendo parte de milícias e se associando a pessoas que o possam auxiliar a atingir os seus interesses pessoais, que assim que alcançados, as descarta. Esse lado negativo o aproxima ao arquétipo de sombra, que será explicado a seguir.

2. Sombra: De acordo com Vogler (2015, p.81), esse arquétipo pode representar tudo aquilo que não gostamos em nós mesmos, os segredos obscuros que não queremos revelar, características nossa que queremos nos livrar e não conseguimos. A sombra também pode abrigar qualidades positivas que estão ocultas ou que não queremos que sejam vistas por outros. Erik Killmonger tem um lado sensível em que ele só demonstra na cena em que encontra com o pai, após participar de um ritual que o conduz a um universo paralelo, nesse encontro ele demonstra suas fraquezas, tristeza e o ódio por *Wakanda* que o cega, pois para ele a nação é em parte responsável pelos séculos de sofrimento que ele e os seus irmãos negros passaram em consequência de um mundo racista e cruel. Esse sentimento o fez cometer ações brutais no decorrer da sua trajetória.

O lado negativo da sombra, nas histórias, se projeta nos personagens vilões, antagonistas ou inimigos. Os vilões e inimigos, ainda segundo Vogler, possuem o propósito de derrotar, destruir ou matar o herói. Enquanto o antagonista pode ser não tão hostil e ser aliado do herói possuindo o mesmo objetivo, porém discordando em relação à tática. Erik Killmonger se encaixa nas duas descrições, ele tanto tem o propósito de derrotar o herói (T'challa), quanto tem os mesmos objetivos que ele, que é combater as desigualdades raciais, mas com táticas divergentes. Killmonger defendia uma visão em que apenas através dos recursos bélicos que *Wakanda* detinha, seria possível proporcionar a libertação do povo negro.

Após analisar as características arquetípicas do personagem pode-se afirmar que Killmonger possui influência do arquétipo de herói na sua construção, mas após todas suas experiências negativas, culminou em uma aproximação ao arquétipo de sombra. Killmonger presenciou seu pai ser morto pela própria família e foi abandonado pela mesma que ainda o negou o direito de conhecer sua terra natal, *Wakanda*. Seguiu sua vida sozinho, vivendo em um mundo extremamente racista e ao mesmo tempo alimentando seu desejo de vingança, em que consistia em alcançar o poder de *Wakanda*, através dos métodos que fossem necessários, eliminando todos aqueles que discordassem dele e a partir disso distribuir os recursos da nação para os mais necessitados e proporcionar o sonho de libertação do seu povo.

Killmonger é um vilão que nos custa dizer que é vilão pelos seus nobres propósitos, mesmo que seus meios possam não ser justos.

Conclusão

Conforme foi apresentado em tópicos anteriores, o uso dos estereótipos e arquétipos no audiovisual, são recursos narrativos utilizados para despertar emoções em seus espectadores, entretanto um é a degradação do outro. A utilização de estruturas arquetípicas nas narrativas fílmicas não só enriquece o texto, mas também uma profundidade e humanização dos personagens, que os estereótipos não mostram. Além disso, a frequência de produções que propagam estereótipos em sua narrativa, culmina em uma negação de identidade do espectador, enquanto os arquétipos por terem uma construção do personagem mais complexa, erguem uma reafirmação da identidade.

Pantera Negra (2018) demonstra que mesmo com a limitação de tempo e sendo um filme de um grande estúdio de Hollywood (Marvel), é possível construir narrativas mais representativas, e assim causar uma ruptura desses estereótipos divulgados por esse meio.

O filme apresenta uma complexidade a um vilão negro, que antes só era dada a vilões representados por brancos. Temos outros filmes dentro desse gênero de super-herói que desenvolvem as histórias dos vilões brancos, como o Doctor Octopus interpretado por Alfred Molina em Homem Aranha 2 (2004). Mesmo estes sendo personagens antagonistas dentro da narrativa, existe uma explicação da origem da sua vilania que causa uma identificação do espectador e não uma rejeição como acontece com a maioria dos vilões negros. Além disso, anteriormente não era dado um espaço ao personagem negro de ter sua história, resumindo-o a um auxiliar da narrativa do protagonista, algo que se inverte totalmente no filme Pantera Negra, em que temos uma produção e elenco majoritariamente negro contando sua história, fugindo de estereótipos perpetuados por filmes anteriores, como foi citado ao longo do trabalho. Por isso, é importante conhecer a origem dos estereótipos, saber reconhecê-los, para assim deixar de normaliza-los.

Referências bibliográficas

ALMEIDA, Silvio Luiz de. **Racismo estrutural**. São Paulo: Sueli Carneiro/Pólen, 2019.

ANAZ, Sílvia Antonio Luiz. **Teoria dos arquétipos e construção de personagens em filmes e séries**. Significação, São Paulo, v. 47, n. 54, jul-dez. 2020.

CAMPBELL, Joseph. **O herói de mil faces**. São Paulo: Cultrix; Pensamento, 1997.

CONCEIÇÃO, Helenise da Cruz; CONCEIÇÃO, Antônio Carlos Lima da. A construção da identidade afrodescendente. **Revista África e Africanidades**, Rio de Janeiro, ano 2, n. 8, fev. 2010.

VICENTE, Alex. **Devolução dos tesouros africanos coloca em alerta os museus etnográficos**. El País, Paris, 14 dez. 2018. Disponível em: <https://brasil.elpais.com/brasil/2018/12/14/cultura/1544801008_489541.html>. Acesso em: 8 jun. 2021.

FREITAS, Kênia; MESSIAS, José. O futuro será negro ou não será. **Das Questões**, v. 6, n. 6, 20 set. 2018.

JARDIM, Suzane. **Reconhecendo estereótipos racistas na mídia norte-americana**. Disponível em: <<https://medium.com/@suzanejardim/alguns-estere%C3%B3tipos-racistas-internacionais-c7c7bfe3dbf6>>. Acesso em: 16 mai. de 2021.

KILOMBA, Grada. **Memórias da plantação**: episódios de racismo cotidiano. Rio de Janeiro: Editora Cobogó, 2019.

MAPING Police Violence. **Police Violence Map**. Disponível em: <<https://mappingpoliceviolence.org>>. Acesso em: 15 jun. 2021.

MENEGHELLI, Guilherme. **Jornada do Herói**: O conceito de Monomito de Joseph Campbell. Disponível em: <<https://medium.com/oorganismo/jornada-do-her%C3%B3i-13ef9b8e3a69>>. Acesso em: 21 mai. de 2021.

PANTERA NEGRA. Direção: Ryan Coogler, Produção: Kevin Feige e David J. Grant. Intérpretes: Chadwick Boseman; Michael B. Jordan; Lupita Nyong'o, e outros. Roteiro: Jack Kirby; Joe Robert Cole; Ryan Coogler e Stan Lee. Música: Ludwig Göransson e Kendrick Lamar. Los Angeles: Walt Disney Studios, 2018, 1 DVD (134 min), widescreen, color. Produzido por Marvel Studios.

PASSOS, Elizete. **Palcos e Plateias**: as representações de gênero na Faculdade de Filosofia. 1.ed. Salvador: UFBA, Núcleo de Estudos Interdisciplinares sobre a Mulher, 1999.

VOGLER, Christopher. **A jornada do escritor**: estrutura mítica para escritores. São Paulo: Aleph, 2015.